

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十
廿十廿三廿十
天十廿三廿十
天十廿三廿十

Além desta alteração radical de apresentação das figuras, pensamos que se justificava, nalguns casos, acrescentar o local de proveniência (ex.: Fig. 3, p. 25), a época de produção (ex.: Fig. 5, p. 43), a identificação dos personagens representados (ex.: Fig. 16, p. 131), o local de arquivo-exposição (ex.: Figs. 17, 18 e 19), o material de elaboração (ex.: Figs. 17, 18 e 19) ou o tipo de representação de que se trata (óstraco, pintura, escultura, baixo-relevo, etc. – ex.: Fig. 1, p. 7; Fig. 2, p. 19; Fig. 3, p. 25; Fig. 4, p. 39; Fig. 13, p. 73, etc.), sobretudo para o público menos familiarizado com os temas egíptológicos. Em relação às figuras, é preciso igualmente corrigir as indicações das pp. 46 e 65 que remetem para as figuras 16 e 15, quando deviam aludir às figuras 6 e 14, respectivamente.

No Índice deve ser ajustado o subtítulo relativo ao *Papiro Chester Beatty I*. A inclusão do numeral romano em falta, imprescindível porque há outros fragmentos deste papiro, permitirá, assim, a correcta ligação com as pp. 75, 79, 89 e 93. Da mesma forma, há que uniformizar a onomástica de «Montuhotep» (p. 29) com a de «Mentuhotep» da p. 59.

Subsistiram igualmente algumas arrelhadoras e dispensáveis grahas tipográficas que, no futuro, podem ser remediadas com significativo ganho para a edição. Aqui ficam algumas das mais evidentes que detectámos: «epístular» (p. 59), «amoreuse» (pp. 75 e 214), «entitulados» (p. 76), «bordeis» (p. 167), «quizermos» (p. 173), «extrato» (p. 193), «papeis» (p. 195), «litteraire» (p. 214), «na enemy» (p. 217) e «Tumés» (p. 219).

Estas alusões de carácter formal em nada desmerecem os relevantes contributos científicos do estudo, designadamente no panorama português, nem tampouco ensombram a qualidade e o nível da tradução e da interpretação propostas.

José das Candeias Sales

ROBERT G. MORKOT, *Historical Dictionary of Ancient Egyptian Warfare*, Lantham, Scarecrow Press, 2003, 336 pp., 35 mapas e várias ilustrações gráficas a preto e branco, ISBN 0-8108-4862-7.

Eis que há cerca de dois anos deu à estampa um dicionário subordinado à guerra no antigo Egipto. É obra que seguramente vem a colmatar uma lacuna que se fazia sentir principalmente entre aqueles que se interessam por temáticas bélicas da Antiguidade Pré-Clássica.

A presente publicação cobre o longo espaço decorrente da emergência do «Estado» faraónico até meados do século VII d. C., ou seja, tendo como baliza terminal cronológica a conquista árabe.

A anteceder os verbetes do dicionário propriamente dito, apresenta-se uma cronologia anotada que inclui as campanhas militares anuais realizadas por diversos faraós. Suspeitamos que se trata possivelmente da primeira compilação deste género reunida num só tomo. Para uma melhor compreensão e visualização dos assuntos tratados, o Autor reservou várias páginas contendo mapas regionais, planimetrias de fortalezas egípcias (designadamente Semna e Buhen) e uns tantos desenhos sobre a parafernália marcial, etc.

Quanto ao dicionário em si mesmo, abrange – como facilmente se depreende – um amplo leque de assuntos, desde campanhas e batalhas (sobretudo do Império Novo, como Meguido e Kadech), a referências pormenorizadas sobre as actividades guerreiras dos soberanos dos quais se dispõe de maior número de fontes (Tutmés III, Amen-hotep II, Seti I, Ramsés II e Ramsés III), quanto a governantes estrangeiros (reis hititas e assírios), povos, regiões e países (Líbia, Núbia, principados da Síria-Palestina) que entraram em conflito aberto contra o Egipto ou que até o chegaram a invadir (os «Povos do Mar» e a Assíria).

Também não faltam entradas respeitantes às armas e à tecnologia militar empregues pelos Egípcios – a maça, arco e flecha, a conhecida espada de lâmina curva, o *khopech*, já utilizada por outros povos do Próximo Oriente antes do Império Novo e introduzida no Egipto provavelmente pelos Hicsos, durante o Segundo Período Intermediário; e, claro está, sobressai o verbete consagrado aos carros de guerra, que passaram a ser utilizados a partir da XVIII dinastia, sendo tais veículos ligeiros, velozes e manobráveis outro produto importado da Síria-Palestina.

Através do dicionário também ficamos mais familiarizados com os vários escalões e postos da hierarquia castrense egípcia, desde a oficialidade até aos simples soldados, a existência de um exército regular constituído por unidades de infantaria e carriagem (além da marinha, que servia essencialmente como plataforma ambulante para transporte de tropas por via fluvial ou marítima), amiúde coadjuvado por «companhias» de mercenários núbios, *sharden* e de outras procedências.

O Autor teve igualmente o cuidado de incluir dados acerca de locais arqueológicos que outrora estiveram profundamente associados a funções ou práticas militares (casernas, fortalezas e arsenais) e so-

bre o comércio de armas. Nesta obra figuram igualmente os deuses e deusas conectadas com a guerra (Montu, Amon-Ré, Bastet, etc.), elementos fundamentais, pois que as campanhas e as expedições bélicas ao estrangeiro se efectuavam sempre de acordo com os desígnios das divindades. Assim, há que não descurar esta vertente teológica da guerra.

Como geralmente é habitual neste tipo de publicações, junto de diversos verbetes aparecem úteis indicações sobre matérias afins, remetendo o leitor para a consulta de outras entradas, cujos vocábulos estão em maiúsculas.

A terceira e derradeira parte da obra compõe-se de um apêndice, que apresenta uma Lista Dinástica e, obviamente, de uma Bibliografia bastante volumosa e criteriosamente seleccionada, agrupada em subgrupos, consoante os períodos e os reinados dos soberanos referidos. Por último, um índice temático, onomástico e topográfico, que auxilia a melhor manusear o dicionário.

Posto isto, o *Historical Dictionary of Egyptian Warfare* representará certamente uma profícua ferramenta de trabalho e estudo, não só para o grande público mas também para todos aqueles que, já iniciados nos meandros da história do Egipto faraónico, desejem aprofundar os seus conhecimentos sobre esta temática. O volume em apreço servirá, assim, de adequado complemento de referência a obras e artigos monográficos da autoria de reputados especialistas em história militar do antigo Egipto, designadamente W. Helck, A. R. Schulman, A. Spalinger, J. Martínez Babón, R. Prtridge, W. J. Murnane, J. Yoyotte e M. Müller.

Pedro de Abreu Malheiro

T. G. H. JAMES, *Ramesses II*, Nova Iorque, Friedman/Fairfax, 2003, 330 pp. abundantemente ilustradas, ISBN 1-58663-719-3

Este recente livro, da autoria do conservador emérito das Antiguidades Egípcias do famoso British Museum, acha-se qualitativamente quase a par de outro livro seu, *Tutankhamun* (2000), também publicado pela mesma editora e com grande formato, o que torna o volume incómodo para ser lido. A presente biografia de T. G. H. James afigura-se plenamente recomendável, seja ou não o leitor um entusiasta da vida e obra deste célebre faraó. No prefácio, curiosamente, o Autor chega até a confessar que o seu «antigo egípcio favorito»